

Questões Específicas

- UERJ 2011/ 2014

TEXTO I

O Sobrevivente

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade.
Impossível escrever um poema – uma linha que seja – de verdadeira poesia.
O último trovador morreu em 1914.
Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.

Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.
Se quer fumar um charuto aperte um botão.
Paletós abotoam-se por eletricidade.
Amor se faz pelo sem-fio.
Não precisa estômago para digestão.

Um sábio declarou a O Jornal que ainda falta
muito para atingirmos um nível razoável de
cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto.

Os homens não melhoram
e matam-se como percevejos.
Os percevejos heroicos renascem.
Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.
E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.

(Desconfio que escrevi um poema.)

(Carlos Drummond de Andrade)

1. Os dois primeiros versos enfatizam uma ideia que será desconstruída pela leitura integral do poema, caracterizando uma ironia, expressa também no título. Transcreva o verso do texto que, em comparação com os dois primeiros, revela essa ironia. Em seguida, estabeleça a relação entre o verso transcrito e o título.

2. Em um dos versos do poema, observa-se uma aparente contradição entre dois termos. Identifique esse verso e explique por que, de acordo com a leitura do texto, a associação entre os termos não é contraditória.

TEXTO II

O chefe da estação me olhou de cara feia, e me deu a passagem e o troco. Bateu com a prata na mesa. Se fosse falsa, estaria perdido. Guardei o cartão com ganância no bolso da calça. A estação se enchera. Um vendedor de bilhete me ofereceu um. Não desconfiava de mim. O chefe foi que me olhou com a cara fechada. Já se ouvia o apito do trem. Cheguei para o lugar onde paravam os carros de passageiros. E o barulho da máquina se aproximando. Estava com medo, com a impressão de que chegasse uma pessoa para me prender. Ninguém saberia. E o trem parado nos meus pés. Tomei o carro num banco do fim, meio escondido. O Padre Fileto me viu. Tirava esmolas para a obra da igreja.

– Não foi para a parada?

– Não senhor, vou ver o meu avô que está doente.

A mesma mentira saída da boca automaticamente. Os meninos passavam vendendo tareco¹.

Quis comprar um pacote, mas estava com receio. Qualquer movimento de minha parte me parecia uma denúncia. O homem do bilhete voltou outra vez me oferecendo. Num banco da minha frente estava um sujeito me olhando. Sem dúvida, passageiro do trem. E me olhando com insistência. Levantou-se e veio falar comigo:

– Menino, que querem dizer estas letras?

– Instituto Nossa Senhora do Carmo.

– Pensei que fosse “Isto não se conhece”...

Ri-me sem querer. E as outras pessoas acharam graça. Pedi a Deus que o trem partisse. Por que não partira aquele trem? Meu boné me perderia. Podia ter vindo de chapéu. Nisto vi Seu Coelho. Entrei disfarçando para a latrina do trem. E não vi mais nada. Só saí de lá quando vi pelo buraco do aparelho a terra andando. Sentei-me no mesmo lugar. Vi a cadeia, o cemitério.(...)

E o Pilar chegando. O Recreio do Coronel Anísio, com a sua casa na beira da linha. E a gente já via a igreja. O trem apitava para o sinal. Passou o poste branco. Saltei do trem como se tivesse perdido o jeito de andar. Escondi-me do moleque do engenho. O trem saía deixando no ar um cheiro de carvão de pedra. Lá se ia Ricardo com os jornais para o meu avô. Faltava-me coragem para bater na porta do engenho como fugitivo.

E fui andando à toa pela linha de ferro. Que diria quando chegasse no engenho? Lembrei-me então que pela linha de ferro teria que atravessar a ponte. E desviei-me para a caatinga. Pegaria mais adiante o mesmo caminho. Estava pisando em terras do meu avô. O engenho de Seu Lula mostrava o seu bueiro pequeno, com um pedaço caído. Que diabo diria no Santa Rosa, quando chegasse? Era preciso inventar uma mentira.

Fiquei parado pensando um instante. Achei a mentira com a alegria de quem tivesse encontrado um roteiro certo. Sonhara que meu avô estava doente e não pudera aguentar o aperreio do sonho. E fugira. Achariam graça e tudo se acabaria em alegria. Mas cadê coragem para chegar? Já me distanciava pouco da minha gente. O bueiro do Santa Rosa estava ali perto, com a sua boca em diagonal. Subia fumaça da destilação. Com mais cinco minutos estaria lá. Era só atravessar o rio. Fiquei parado pensando. O rio dava água pelos joelhos. O gado do pastoreador passava para o outro lado. E cadê coragem para agir? E o tempo a se sumir. E a tarde caindo. A casa-grande inteira brigaria comigo. No outro dia José Ludovina tomaria o trem para me levar. E o bolo, e os gritos de Seu Maciel. Vou, não vou, como as cantigas dos sapos na lagoa. Um trem de carga apitou na linha. Tirei os sapatos, arregaçando as calças para a travessia. A porteira do cercado batia forte no mourão. E no silêncio da tarde, tudo aumentava de voz. (...)

JOSE LINS DO RÊGO

Doidinho. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

3. “*Estava com medo, com a impressão de que chegasse uma pessoa para me prender*”. No trecho acima, há duas orações subordinadas. Transcreva essas orações e classifique sintaticamente cada uma delas:

4. Os trechos transcritos abaixo exemplificam o emprego do mesmo conectivo “e” para exprimir diferentes relações temporais entre dois fatos.

E o barulho da máquina se aproximando. (...) E o trem parado nos meus pés. (l. 4-6)
E o tempo a se sumir. E a tarde caindo. (l. 34-35)

Aponte o significado desse conectivo. Em seguida, explicita a relação temporal dos fatos em cada um dos trechos.

5. No texto de José Lins do Rêgo, o narrador recorda um episódio de seu passado, em que foi dominado por um sentimento que o acompanhou durante a viagem de trem e a chegada ao engenho. Identifique esse sentimento e as duas situações que o geraram.

TEXTO III

Autorretrato falado

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.
Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da
Marinha, onde nasci.
Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do
chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios.
Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de
estar entre pedras e lagartos.
Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.
Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me
sinto como que desonrado e fujo para o
Pantanal onde sou abençoado a garças.
Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo
que fui salvo.
Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.
Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de
gado. Os bois me recriam.
Agora eu sou tão ocaso!
Estou na categoria de sofrer do moral, porque só
faço coisas inúteis.
No meu morrer tem uma dor de árvore.

MANOEL DE BARROS
Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010.

6. *Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me sinto como que desonrado e fujo para o Pantanal onde sou abençoado a garças.* (v. 9-11)

A palavra “onde”, sublinhada acima, remete a um termo anteriormente expresso. Transcreva esse termo. Nomeie também a classe gramatical de “onde”, substitua-a por uma expressão equivalente e indique seu valor semântico.

7. Uma obra literária pode combinar diferentes gêneros, embora, de modo geral, um deles se mostre dominante. O poema de Manoel de Barros, predominantemente lírico, apresenta características de outro gênero. Identifique esse gênero e cite duas de suas características presentes no poema.

- UECE – 2014/2

TEXTO I

Caro candidato, o primeiro texto desta prova foi extraído do livro de memórias do escritor e jornalista carioca, que nasceu em 1926, Carlos Heitor Cony. Um livro de memórias é “relato que alguém faz, frequentemente, na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular”. Não deve ser confundido com autobiografia.

O suor e a lágrima

Fazia calor no Rio, quarenta graus e qualquer coisa, quase quarenta e um. No dia seguinte, os jornais diriam que fora o dia mais quente deste verão que inaugura o século e o milênio. Cheguei ao Santos Dumont, o voo estava atrasado, decidi engraxar os sapatos. Pelo menos aqui no Rio são raros esses engraxates, só existem nos aeroportos e em poucos lugares avulsos. Sentei-me naquela espécie de cadeira canônica, de coro de abadia pobre, que também pode parecer o trono de um rei desolado de um reino desolante. O engraxate era gordo e estava com calor — o que me pareceu óbvio. Elogiou meu sapato, cromo italiano, fabricante ilustre, os Rossetti. Uso-o pouco, em parte para poupá-lo, em parte porque quando posso estou sempre de tênis. Ofereceu-me o jornal que eu já havia lido e começou seu ofício. Meio careca, o suor encharcou-lhe a testa e a calva. Pegou aquele paninho que dá brilho final nos sapatos e com ele enxugou o próprio suor, que era abundante.

Com o mesmo pano, executou com maestria aqueles movimentos rápidos em torno da biqueira, mas a todo o instante o usava para enxugar-se — caso contrário, o suor inundaria o meu cromo italiano. E foi assim que a testa e a calva do valente filho do povo ficaram manchadas de graxa e o meu sapato adquiriu um brilho de espelho, à custa do suor alheio. Nunca tive sapatos tão brilhantes, tão dignamente suados. Na hora de pagar, alegando não ter nota menor, deixei-lhe um troco generoso. Ele me olhou espantado, retribuiu a gorjeta me desejando em dobro tudo o que eu viesse a precisar no resto dos meus dias.

Saí daquela cadeira com um baita sentimento de culpa. Que diabo, meus sapatos não estavam tão sujos assim, por míseros tostões fizera um filho do povo suar para ganhar seu pão. Olhei meus sapatos e tive vergonha daquele brilho humano salgado como lágrimas.

CONY, Carlos Heitor. In: Eu aos pedaços: memórias. São Paulo: Leya, 2010. p. 114-115.

1. O enunciador do texto parte de um acontecimento prosaico, comum, ordinário, que o faz refletir. Assinale a opção que expressa o acontecimento que o leva a essa reflexão.

- a) O forte calor que fazia no Rio de Janeiro levava as pessoas a suar.
- b) O atraso da aeronave onde o enunciador viajaria.
- c) O suor do gordo engraxate do aeroporto Santos Dumont, misturando-se à graxa.
- d) O uso, pelo enunciador, de um sapato caro, que foi reconhecido como tal pelo engraxate.

2. No título do texto, os termos — suor e lágrima — extrapolam o sentido literal e podem ser interpretados, respectivamente, como:

- a) o fluido destilado pelos poros da pele; a secreção produzida pelas glândulas lacrimais.
- b) a exploração do outro; a culpa, o remorso.
- c) a tristeza; o trabalho duro.
- d) o trabalho forçado; o desejo de vingança.

3. Atente ao que se diz do enunciado seguinte: “Olhei meus sapatos e tive vergonha daquele brilho humano salgado como lágrimas” (linhas 46-48)

I. A vergonha que o cronista tem, na verdade, não é propriamente do brilho do sapato, mas do esforço humano despendido para produzi-lo.

II. O brilho, que exigiu esforço humano, foi conseguido à custa do pranto do trabalhador.

III. O suor que o engraxate deixou cair sobre o sapato sugere o esforço despendido pelo trabalhador explorado

Está correto o que se diz somente em:

- a) II e III.
- b) I.
- c) I e III.
- d) II.

4. No seguinte enunciado — “Cheguei ao Santos Dumont, o voo estava atrasado, decidi engraxar os sapatos” (linhas 5-7) — a relação entre as orações está implícita. Marque a única alternativa que explicita o sentido que esse enunciado tem no texto.

- a) Quando cheguei ao Santos Dumont, o voo estava atrasado; mesmo assim, decidi engraxar os sapatos.
- b) Quando cheguei, havia engraxate no Santos Dumont porque o voo estava atrasado; então, decidi engraxar os sapatos.
- c) Cheguei ao Santos Dumont quando o voo estava atrasado, porém decidi engraxar os sapatos.

- d) Cheguei ao Santos Dumont, mas o voo estava atrasado, por isso decidi engraxar os sapatos.

TEXTO II

O texto que você lerá é um excerto retirado do primeiro parágrafo do artigo de opinião “Com um braço só”, escrito por J. R. Guzzo, que trata da corrupção na política.

Um dos aspectos menos atraentes da personalidade humana é a tendência de muitas pessoas de só condenar os vícios que não praticam, ou pelos quais não se sentem atraídas. Um caloteiro que não fuma, não bebe e não joga, por exemplo, é frequentemente a voz que mais grita contra o cigarro, a bebida e os cassinos, mas fecha a boca, os ouvidos e os olhos, como os três prudentes macaquinhos orientais, quando o assunto é honestidade no pagamento de dívidas pessoais. É a velha história: o mal está sempre na alma dos outros. Pode até ser verdade, infelizmente, quando se trata da política brasileira, em que continua valendo, mais do que nunca, a máxima popular do “pega um, pega geral”.

Extraído do artigo “Com um braço só”, de J.R. Guzzo. VEJA. 21/08/2013.

5. Observe com atenção o que se diz sobre o excerto seguinte: “Um dos aspectos menos atraentes da personalidade humana é a tendência de muitas pessoas de só condenar os vícios que não praticam, ou pelos quais não se sentem atraídas” (linhas 49-53).

I. Tender é o verbo correlato de tendência. Indica ação-processo, o que sugere que esse movimento pode não chegar ao ponto previsto.

II. A tendência pode ser somente uma propensão, uma inclinação, uma vocação ou pendor.

III. Na introdução do texto de Guzzo, existe a sugestão de que a tendência mencionada pelo enunciador ultrapassa os limites da simples propensão ou vocação. Ela se realizaria concretamente.

Está correto o que se diz em:

- a) I e II apenas.
- b) II e III apenas.
- c) I, II, e III.
- d) I e III apenas.

6. Marque a alternativa em que se reescreve o enunciado seguinte SEM preservar-lhe a significação: “Um dos aspectos menos atraentes da personalidade humana é a tendência de muitas pessoas de só condenar os vícios que não praticam, ou pelos quais não se sentem atraídas”

- a) A personalidade humana tem a tendência de só condenar os vícios que não pratica, ou pelos quais não se sente atraída; e esse é um dos seus aspectos menos atraentes.
- b) A tendência de muitas pessoas de só condenar os vícios que não praticam, ou pelos quais não se sentem atraídas, é um dos aspectos menos atraentes da personalidade humana.

-
- c) Condenar só os vícios que não praticam, ou pelos quais não se sentem atraídas, é a tendência de muitas pessoas e um dos aspectos menos atraentes da personalidade humana.
 - d) Muitas pessoas tendem a condenar só os vícios que não praticam, ou pelos quais não se sentem atraídas. Esse é um dos aspectos menos atraentes da personalidade humana.

7. “O mal está sempre na alma dos outros”. Há alguns ditos populares que têm alguma relação com essa frase axiomática. Assinale a opção cujo enunciado está em DESACORDO com a frase em destaque.

- a) Macaco, olha pro teu rabo.
- b) Quem tem telhado de vidro não atira pedra no telhado do vizinho.
- c) Quem tem rabo de palha não se senta junto ao fogo.
- d) Quem cospe para cima na cara lhe cai.

Gabarito UERJ

1. (Desconfio que escrevi um poema.)

O verso indica que, apesar de todas as circunstâncias criticadas pelo poeta, a possibilidade de escrever um poema sobrevive – conforme anunciado pelo título –, desfazendo a ideia de impossibilidade reafirmada no início.

2. “Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.”

No texto, o poeta critica aspectos da vida moderna que tornariam o mundo “inabitável”, mas essa avaliação subjetiva não nega a evidência quantitativa de um mundo “cada vez mais habitado”.

3. “de que chegasse uma pessoa”; subordinada substantiva completiva nominal.
“para me prender”; subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.

4. Adição; Sucessão; concomitância.

5. Medo, insegurança. Ser descoberto; enfrentar a reação dos moradores do engenho.

6. Pantanal / Pronome relativo; no qual, em que; lugar

7. Narrativo

Apresenta os fatos numa sequência temporal / conta uma história.

Não apresenta ritmo marcado nem rimas, aproximando-se da fala.

Gabarito UECE

1. C

2. B

3. C

4. D

5. C

6. A

7. D